

## A segunda Páscoa

João César das Neves

Cristo foi morto no século XIX. A certidão de óbito é de 1882, na célebre declaração de Friedrich Nietzsche: “*Deus morreu*” (A Gaia Ciência, III, 108), mas a certeza vinha já num crescendo ao longo da época dos iluministas e dos revolucionários. Na altura, ninguém tinha dúvida que, comprovado o falecimento do Nazareno em oitocentos, o século seguinte seria o da morte da Igreja de Cristo. Quando a 14 de Abril de 1911 o ministro Afonso Costa anunciou publicamente que o Catolicismo acabaria em Portugal em duas ou três gerações, estava a dizer algo que pertencia ao senso comum, mesmo dos fiéis.

Faz hoje precisamente 20 anos que foi oficialmente reconhecida por Roma a Fraternidade Comunhão e Libertação (CL), fundada por Monsenhor Luigi Giussani (1922-..) em Itália em 1954. Neste curto período, este movimento de Igreja espalhou-se por todo o mundo, com centenas de milhares de membros, colaboradores e simpatizantes, em actividades culturais de evangelização, acção social e apoio ao desenvolvimento. O seu sucesso é apenas o mais recente de muitos outros. Este ano passam também os 40 anos da aprovação papal do Movimento Focolares fundado em 1943 por Chiara Lubich (1920-..). Há poucos dias, a 9 de Janeiro, foi celebrado o centenário do nascimento de Josemaria Escrivá (1902-1975), fundador do Opus Dei em 1928 e beatificado em 1992. Tudo isto poucos meses depois da comemoração dos 80 anos da fundação da Legião de Maria por Frank Duff (1889-1980).

Estas múltiplas celebrações no início do novo século são mais do que uma alegria para estes grandes movimentos da Igreja católica. 120 anos após a sentença de Nietzsche e 91 anos depois da de Afonso Costa, elas têm grande significado. Ninguém duvida que nas décadas após as sentenças os fiéis foram desacreditados e ridicularizados por cientistas e pensadores, desprezados e massacrados por jacobinos, fascistas, marxistas, nazis, maoístas em números até então inatingíveis. Nunca houve um ataque tão poderoso e profundo contra a Igreja como o montado pelo positivismo e hedonismo.

Após a revolução industrial e as revoluções políticas, o mundo pôs a sua confiança na ciência e no comércio, no poder e nas armas, no prazer e no sexo. Minerva e Mercúrio, Júpiter e Marte, Baco e Vénus, deuses de hoje como de antigamente, voltaram para vencer

o Judeu crucificado. Mas o século XX manifestou aquilo que o Império Romano já sabia: esses deuses materialistas levam à morte e à miséria. Agora, com os novos meios mais poderosos, isso significou a desgraça de duas guerras mundiais, da grande depressão, da colectivização soviética, da revolução cultural chinesa, do aborto, da droga, do divórcio, etc.

A Igreja, ao longo dos séculos defrontou perigos e desafios monumentais. Ao lado dos esforços da hierarquia e fiéis, apareceram sempre novos movimentos eclesiais que traziam ao seu tempo a radicalidade do Evangelho. O império romano motivou os eremitas e os padres do deserto; as invasões bárbaras chocaram contra os mosteiros beneditinos; as nações europeias nascidas dos godos apoiaram-se nas ordens militares de cavalaria; o aparecimento das cidades na Baixa Idade Média suscitou os Franciscanos e Dominicanos mendicantes; a expansão ocidental nos Descobrimentos fez nascer os Jesuítas.

Perante as soberbas ameaças do consumismo e do comunismo no século XX, a Igreja lançou mão, não de uma ou duas ordens religiosas, mas de uma miríade de movimentos eclesiais, com uma enorme variedade de estilos, atitudes, organizações e proveniências. Nascida da acção de um professor do liceu como o CL ou de um grupo de raparigas como os Focolares, usando a forma rígida de uma Legião romana de Maria ou de Equipes de Nossa Senhora, ou até sem forma bem definida como os Carismáticos, seguindo a inspiração de um papa como a Acção Católica ou de simples sacerdotes como Opus Dei e o Movimento de Schoenstatt, nunca como hoje se sentiu tanto a riqueza transbordante e caleidoscópica do Evangelho.

Estes movimentos são também um sinal de contradição. O simples facto de um artigo de jornal falar do CL ou Opus Dei chega para levantar irritações em vários quadrantes, mesmo dentro da Igreja. São muitos os que não escondem a sua fúria para com estas organizações com ponderosas razões. Curiosamente, são fúrias e razões muito semelhantes às que antigamente atacaram os cristãos das catacumbas, os Templários, os Franciscanos, os Jesuítas e todos movimentos que em cada tempo corporizaram a renovação da Igreja. Estas acusações acabam por ser, afinal, um sinal da vitalidade evangélica.

Nunca como no século XX foram feitos tantos esforços para erradicar os cristãos. O resultado foi o florescimento de uma Igreja nova e multifacetada. A falta de sucesso dos

ataques era, de facto, previsível. Também já no século I houve quem achasse que tinha morto Deus, para depois notar que Ele tem uma teimosa tendência para ressuscitar.

Diário de Notícias, 11 de Fevereiro de 2002